



**MEMOIRS** - FILHOS DE IMPÉRIO E PÓS-MEMÓRIAS EUROPEIAS | **MEMOIRS** - CHILDREN OF EMPIRES AND EUROPEAN POSTMEMORIES  
**MAPS** - PÓS-MEMÓRIAS EUROPEIAS: UMA CARTOGRAFIA PÓS-COLONIAL | **MAPS** - EUROPEAN POSTMEMORIES: A POSTCOLONIAL CARTOGRAPHY

Sábado, 24 de abril de 2021

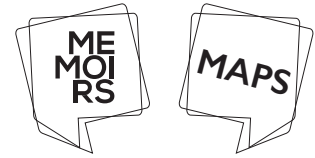


*The Problem* | Bill T. Jones, Janet Wong | 2020 | Holland Festival | cortesia dos artistas

## QUAL É O PROBLEMA

António Pinto Ribeiro

Bill T. Jones (1952) é um bailarino e coreógrafo negro norte-americano que, em 1982, fundou com o seu companheiro Arnie Zane (1948-1988), artista, branco, a Bill T. Jones/Arnie Zane Dance Company. Presente na Europa nos circuitos dos festivais e teatros, a Companhia tornou-se particularmente conhecida com a apresentação da obra *Still/Here*<sup>(1)</sup> (1994) que, na época, chegou dos EUA envolta numa polémica promovida pelos *media* sensacionalistas que acusavam o coreógrafo de oportunismo porque a obra em causa resultava de um trabalho de pesquisa sobre doentes que padeciam de doenças terminais como a sida, a leucemia e o cancro. O coreógrafo, ele próprio então seropositivo e viúvo de Arnie Zane,



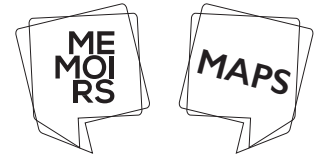
## QUAL É O PROBLEMA

falecido na sequência de complicações resultantes da sida, respondia com a afirmação de que *Still/Here*, como todas as suas obras, tinha uma natureza simultaneamente artística e política: “É impossível separar o formalismo da obra do seu conteúdo político. Nunca se pode afirmar que uma obra não é política, do mesmo modo que não se pode dizer que só se faz um trabalho político”.

Bill T. Jones faz parte da 5ª geração da dança norte-americana, a que foi jubilatória, que integrou o teatro, a performance, o rock, o cinema e integrou a diversidade como qualidade artística, no modo como chamou para dançar não profissionais, recorrendo a toda a diversidade de corpos e de qualidades de movimento. À parte estas qualidades, as obras da companhia integravam sempre textos, muitos dos quais da autoria do próprio Bill T. Jones, como em *Continuous Replay* (1982) em que o coreógrafo, enquanto dança, recita: *Os meus olhos não são meus inimigos. O meu desejo não é meu inimigo. O meu pénis não é meu inimigo. A minha memória é o meu inimigo*<sup>(2)</sup>. Ou em *Still/Here*, em que um libreto acompanha toda a coreografia e pode ouvir-se versos como:

*Será que alguém pode abrir a porta?  
Quem me dá um gole de água?  
Virei a ser parte da água?  
Mãos que se tocam  
Ainda estou aqui.  
Sou levado por uma onda.  
Estou a voar.  
Imóvel.  
Imóvel.  
Ainda aqui.*<sup>(3)</sup>

As palavras e a literatura, seja ela, ficcional, poética, ensaística, têm uma presença fundamental nas obras deste coreógrafo, por três razões fundamentais. A literatura é um elemento fundamental da teia coreográfica e é inscrita na partitura de cada peça, funcionando como comentário à referida obra. O facto de ser verbalizada acrescenta uma outra fisicalidade dada pelo timbre da voz e pela força da emissão do locutor o que, em termos rítmicos, é de uma enorme mais-valia dançante.



## QUAL É O PROBLEMA

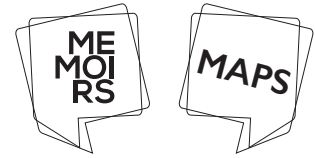
A confirmar a importância das palavras e da literatura nas peças de Bill T. Jones, além dos exemplos já citados, refiram-se, pela originalidade e potência coreográfica, as obras *Last Supper at Uncle Tom's Cabin/The Promised Land* (1993), a partir do romance anti-esclavagista *Uncle Tom's Cabin* (A cabana do Pai Tomás), da escritora Harriet Beecher Stowe, *Ursonate* (1996) a partir de um poema de Kurt Schwitters, *Ballad* (2008), criada a partir de um poema de Dylan Thomas e, mais recentemente, *What a Problem* (2020) a partir de excertos de "I Have A Dream", de Martin Luther King, Jr., da Constituição americana, de *Moby Dick*, de Herman Melville, e de *What Problem*, de W.E.B. DuBois. A seleção dos textos é sempre marcada por uma afirmação política em que estão presentes o tema da discriminação nas mais diversas formas, a segregação étnica, a poesia de louvor e as narrativas fundadoras de comunidades.

*What a Problem* é o título de parte de uma obra - *Deep Blue Sea* - que estreou em Fevereiro de 2020 no George Mason University's Center for the Arts. Por causa da pandemia, todas as outras apresentações e circulação internacional que estavam agendadas foram suspensas até que venha a ser possível repor a peça. No imediato, reconhecem-se traços estilísticos que são comuns a dezenas de peças criadas pelo coreógrafo: na execução e composição dos gestos amplos dos corpos, contrações em curva, gestos das mãos expressivos, o jogo permanente entre o peso e leveza das sequências, grandes aberturas, movimentos de ligação entre o alto e o baixo, sempre contando com a interpretação física e corporalmente marcante do próprio coreógrafo.

Qual é o *Problema*?

Em relação ao *Problema* o coreógrafo enuncia-o logo no início da peça, indo buscá-lo a um texto fundamental do pensamento da negritude do pensador e ativista W.E.B. DuBois.

DuBois, que em várias das suas obras e, em particular, em *The Study of the Negro Problems* (1898), afirma que o Problema é a cor do negro: como os brancos olham os negros, como associam os negros à escuridão e os brancos à luz e como estas dicotomias foram incorporadas pelos negros. Esse é o problema. Segundo o coreógrafo, este problema continua atual, e amplificou-se na medida em que está hoje presente nas políticas sexuais, de género, na divisão social do trabalho e nas políticas de imigração. E este *problema é ainda amplificado criando o desespero, a insanidade, a solidão. Tudo isto justifica*, para o coreógrafo, a urgência de criação desta obra que é consonante com a proclamação de Black Lives Matter. Não há nada de novo neste *problema*, poderíamos dizer, porque é um *problema*



## QUAL É O PROBLEMA

que surgiu na sequência do tráfico negreiro atlântico e, antes dele, no genocídio dos primeiros povos pelos ocupantes das Américas. Foi por isso que o coreógrafo recorreu à *memória da sua infância*, e se recordou de uma personagem que então lhe tinha passado quase despercebida nessa primeira leitura: Pip um grumete afro-americano, um rapaz de Alabama a que ninguém no barco liga; Pip que, apesar de inteligente, sensível, capaz de atos de heroísmo para ajudar a tripulação, é “invisível” para essa mesma tripulação. A esta referência acrescenta duas outras que podemos tomar como a solução para o *problema*: a citação da Constituição americana que começa “We the people” e um trecho de “I Have a Dream”, de Martin Luther King Jr.

Estes trechos e citações servem de comentário à evolução coreográfica que, começando com Bill T. Jones a caminhar sozinho em palco e a sussurrar estes textos, evolui para composições em grupo com os seus bailarinos. Na última parte da peça, assistimos à presença de pessoas anónimas que se juntam em palco e criam uma obra de comunidade, uma obra que expressa um “Nós”, o manifesto primeiro, o sentido da criação artística e política de Bill T. Jones que há muito reclama a ideia da criação de uma comunidade em que se possa viver em comum.

*What a Problem* é uma obra do nosso tempo e para o nosso tempo porque enfrenta o presente com as memórias do passado: da memória do tráfico negreiro e do racismo, à memória do coreógrafo, que afirma que este é um “tempo bom para estar vivo”.

Possamos nós assistir em breve a uma apresentação de “What a Problem”.

Um trecho da obra [aqui](#).

---

(1) *Still/Here* foi apresentado em Lisboa na Culturgest, em Maio de 1995, e a Companhia haveria de regressar anos depois à Culturgest e à Culturporto com outros repertórios.

(2) In Bill T. Jones & Arnie Zane, *Body against Body, the Dance and other Collaborations of*, org. Elizabeth Zimmer e Susan Quasha, New York, Station Hill Press, 1989.

(3) In Programa do espectáculo *Still/Here*, Edição da Culturgest, Lisboa 1995

---

## QUAL É O PROBLEMA

**António Pinto Ribeiro** é investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra e programador cultural nos projetos *Memoirs - Filhos de Império e Pós-memórias Europeias* (ERC Consolidator Grant, n.º 648624) e *Maps - Pós-Memórias Europeias: uma cartografia pós-colonial* (FCT - PTDC/LLTOUT/7036/2020). A suas últimas obras são: *África, os quatro rios, a representação de África através da literatura de viagens europeia e norte-americana*, Edições Afrontamento, 2017 e *Peut-on Décoloniser les musées?*, Edição Fundação Gulbenkian, delegação em França, 2019.

ISSN 2184-2566

*MEMOIRS* é financiado pelo Conselho Europeu de Investigação (ERC) no âmbito do Programa-Quadro Comunitário de Investigação & Inovação Horizonte 2020 da União Europeia (n.º 648624); *MAPS Pós-Memórias Europeias: uma cartografia pós-colonial* é financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT - PTDC/LLTOUT/7036/2020). Os projetos estão sediados no Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra.



Cofinanciado por:

